

No cenário da pós-modernidade: a reiterada exigência de qualidade e excelência na educação contemporânea

7

*Post-modern setting: the repeated demand
for quality in contemporary education*

Maria Lúcia de Amorim Soares*
Eliete Jussara Nogueira**
Luiz Fernando Gomes***

Resumo: O texto discute a reiterada e repetida demanda pela qualidade e excelência exigida pela sociedade frente à educação contemporânea. Considerando alguns aspectos da modernidade/pós-modernidade em que vivem tanto os herdeiros de Prometeu, como os de Dionísio, caracterizados pelo hedonismo, e os de Hermes, que valorizam a comunicação, a criação e a mediação, postula-se que a educação vive sua crise de finalidade, não encontrando referências ou modelos para atualizar-se. Seu impulso legitimador foi diluído quando o cânone moderno de padrões objetivos de conhecimento e organização em que se baseava o mundo, foram desacreditados frente a um cenário pós-moderno. Neste contexto, são discutidas as necessidades de escolhas, de suturar os opostos, de práticas de ruptura e de alternativas existenciais para impasses contemporâneos.

Palavras-chave: Contemporaneidade. Cotidiano escolar. Crise educacional. Modelos educacionais. Qualidade na Educação. Pós-modernidade.

Abstract: The text discusses the repeated demand for quality and excellence required by society to contemporary education. Considering some aspects of modernity/post-modernity in which live both the heirs of Prometheus, of Dionysius, characterized by hedonism, and of Hermes, who valorizes communication, criation, and mediation, it is postulated that education is in a crises of purpose and it hasn't found references or models to actualize

* Doutora em Ciências. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (Uniso), Sorocaba, SP, Brasil. *E-mail:* maria.soares@prof.uniso.br

** Doutora em Educação. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (Uniso), Sorocaba, SP, Brasil. *E-mail:* eliete.nogueira@prof.uniso.br

*** Doutor em Linguística Aplicada. Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (Uniso), Sorocaba, SP, Brasil. *E-mail:* luiz.gomes@prof.uniso.br

itself. Its legitimating impulse was diluted when the modern canon of objective knowledge and organization patterns on which the world was based upon were discredited in face of post-modern setting. In this context, the need for choices, for suturing the opposites, for rupturing practices, and for existential alternatives to contemporary impasses are discussed.

Keywords: Contemporary. Pos-modern. School daily life. Quality in education. Education crisis. Education models.

Introdução

A reiterada exigência de qualidade e excelência, realizada pela sociedade, frente à educação contemporânea é, no fundo, uma desesperada busca de motivação; uma necessidade de reconstruir a identidade da escola a partir da subjetividade de seus membros. Engata, de imediato, com o que Turner (1990) denomina a emergência do simbolismo organizacional, uma tendência pela qual a maioria dos fenômenos que afetam as organizações que enraízam fora dos parâmetros da teoria técnico-racional clássica apela ao reconhecimento dos valores e das emoções, das expectativas e da vida social.

No fundo, se a questão educativa remete a um problema de legitimidade é porque os valores sobre os quais, desde 20 anos atrás, a escola tem edificado a identidade social de seus membros já não gozam de validade, já não oferecem motivação. Seu impulso legitimador diluiu-se quando se desprestigiou o cânone moderno do saber objetivo e os padrões de organização do mundo baseados nele. Entretanto, onde a legitimidade da educação pretende ser restaurada, o faz com um discurso que simplesmente o nega e que não registra doses importantes de entusiasmo, nem implicação. Na verdade, as respostas que apresenta não são radicais, mas apenas respostas basicamente defensivas para um contexto turbulento. Na verdade, existe uma crise que combina três dimensões de uma verdadeira mudança social: a cultural, a socioeconômica e a organizacional.

Pós-modernidade, pós-fordismo e pós-burocracia são três tendências descritas em cada uma das dimensões elencadas. Cada uma dessas tendências define uma linha de ruptura com respeito às formas de pensar o mundo, produzi-lo e organizá-lo, assim caracterizando a ideologia e a vida social da pós-modernidade. Inter-relações entre as dimensões cultural, socioeconômica e organizacional revelam a interdependência existente no movimento que,

com palavras de Giddens (1993), poderia ser descrito como a transição de uma cultura de certeza para uma cultura da incerteza.

O cenário da pós-modernidade no caminho das exigências de qualidade e excelência na educação contemporânea

O discurso da pós-modernidade oferece uma série de dificuldades específicas que nos obriga a aceitá-lo como fragmentado, contraditório e incompleto. A essência da pós-modernidade é não ter essência, e sua identidade carece de identidade. Ironia, hipérbole, ambiguidade, são sintomas que dominam a escritura da pós-modernidade, um escritura que usa como recurso a paródia. Como assinala Lyotard (1989), a pós-modernidade é uma específica condição do pensamento pelo qual se define uma nova situação cultural. Uma situação na qual a ciência, a principal forma de conhecimento legítimo na modernidade, perdeu o amparo dos metadisursos, deixando de ser um discurso privilegiado na ação social, agora dissolvido numa pluralidade de jogos linguísticos carregados de critérios de conhecimento particulares e incapazes de proporcionar uma imagem objetiva e aceita pela ordem das coisas. Na cultura pós-moderna é o próprio sujeito social que parece dissolver-se.

Severiano e Estramina (2006) elencam as principais características da pós-modernidade das quais destacam as seguintes:

- Niilismo e suspeita sobre a razão iluminista: ausência de verdades totalizantes. Formas novas de reencantamento do mundo: misticismos, fundamentalismos, autoritarismo carismático e fascinação ante as imagens de consumo;
- Neoindividualismo: retorno ao eu concebido como refúgio ante a sociedade, considerada agressiva e incapaz de satisfazer as aspirações do indivíduo;
- Imediatismo e hedonismo: culto ao presente, ao corpo, o gosto de si mesmo e a moda canalizam interesses. Fragmentação do tempo numa série de presentes perpétuos;
- Pensamento débil: apoteose do *light* e predomínio da linguagem imagética sobre o verbal ou textual. Ausência de uma ideologia ou crença capaz de dar conta do mundo;

- Estetização da vida: abolição da fronteira entre arte e vida cotidiana. Promiscuidade estilística, paródia, pastiche, ironia, diversão e celebração da ausência de profundidade da cultura. Em substituição aos valores éticos, a busca de valores estéticos, norteados pela mídia e pelo consumo;
- Novas formas de relações sociais: mais gratuitas e descompromissadas. Surgimento de relações virtuais possibilitadas pelo desenvolvimento da informática e da cultura digital;
- Subordinação dos produtos culturais à lógica das mercadorias: o mercado absorve a arte e demais produtos culturais, transformando-os em mercadorias;
- Relativismo: ênfase nas diferenças locais. Conceitos como “realidade” ou “verdade” são substituídos por “jogos de linguagem”;
- Fim da “era da representação”. Esta é a era das simulações, na qual o simulacro funda sua ordem supostamente livre de determinações externas;
- Fim da história: perda do sentido emancipatório da história e da fé no progresso ou qualquer utopia que apregoa a construção de um mundo mais humano.

Para Lyotard (1989) a ciência rejeita a narrativa como forma de legitimação associando-a a ignorância, barbárie, preconceitos, superstição e ideologias. Rejeita toda narrativa porque a narrativa se legitima por ela mesma, enquanto o conhecimento científico busca outras formas de validar-se, por exemplo, pela verificação. É nesse âmbito que a ciência, numa aparente rejeição à narrativa, acaba por ser pura narrativa. Isto porque somente por meio dela é que a ciência e o trabalho científico podem adquirir lugar privilegiado, autoridade e propósito. Lyotard destaca dois tipos de narrativas utilizadas pela ciência após o século XVIII:

- a) A narrativa política, personificada na ideia da Revolução Francesa, ou seja, a narrativa de gradual emancipação da humanidade da escravidão e da opressão de classe;

b) A narrativa filosófica, inaugurada com a filosófica de Hegel, na qual a ciência tem um papel, quando colocada à disposição de todos, de atingir a liberdade absoluta. O conhecimento, então, passa a ser importante componente da gradual evolução da mente consciente.

Para Lyotard, no livro *O pós-modernismo explicado às crianças* (1993, p.101):

O pensamento e a ação dos séculos XIX e XX são governadas pelas idéias de emancipação da humanidade. Esta idéia elabora-se no final do século XVIII na filosofia das luzes e na Revolução Francesa. O progresso das ciências, das técnicas, das artes e das liberdades políticas emancipará a humanidade inteira da ignorância, da pobreza, da incultura, do despotismo e não fará apenas homens felizes, mas nomeadamente, graças à escola, cidadãos esclarecidos, senhores do seu próprio destino. Aqui têm origem todas as correntes políticas dos últimos séculos, excetuando-se a reação tradicional e o nazismo. Entre o liberalismo político, o liberalismo econômico, os marxismos, os anarquismos, o radicalismo da III República, os socialismos, as divergências, mesmo violentas, pesam pouco relativamente à unanimidade que reina quanto ao fim a atingir. A promessa de liberdade é para todos o horizonte do progresso e sua legitimação. Todos levam ou pensam levar, a uma humanidade transparente a si própria, a uma cidadania mundial.

Entretanto, no campo educacional, Lyotard aponta também a necessidade do rompimento com uma educação para a cidadania, de uma educação emancipadora e igualitária como valor universalizante. A educação desvencilha-se de conteúdos globais, adapta-se às exigências práticas no mundo pós-industrial, incorpora a heterogeneidade e ajuda as pessoas a se utilizarem dos benefícios da tecnociência. Lyotard afirma, a respeito da falência da possibilidade consensual na sociedade pós-industrial (1989, p.100):

O consenso se tornou um valor antiquado e suspeito. Mas a justiça, como valor não é antiquada nem suspeita. Precisam, por isso, chegar a uma idéia e a uma prática de justiça que não estejam vinculadas à do consenso. O reconhecimento da natureza heteromorfa dos jogos de linguagem é o primeiro passo nessa direção [...]. O segundo

passo é o princípio de que qualquer consenso sobre as regras que definem um jogo precisa ser local; em outras palavras, precisa ter o aval de seus atuais jogadores e estar sujeito a um eventual cancelamento. Esta orientação favorece uma multiplicidade de meta-argumentos finitos, pelos quais entendo a argumentação que diz respeito às metaprescrições e é limitada no espaço e tempo.

Na verdade, é preciso salientar que não há pós-moderno, mas pós-modernos, com tantas definições quanto autores que estudam o fenômeno. Para Umberto Eco (1985) o pós-moderno é uma “forma de operar” não cronológica, mas presente em diversos momentos ao longo da história, funcionando não como uma negação do passado, mas como uma revisita irônica e não inocente a esse passado. Já para Baudrillard (1991) o pós-moderno é simulacro, fractal, hiper-realidade. Vattimo (2006) o vê como um pensamento débil, que circula por uma sociedade de comunicação generalizada, sociedade das *mass-media*. Lipovetsky (1994) como que afirma o equilíbrio, a escala humana, o regresso a si próprio. Jamenson (1996) o vê como a lógica do capitalismo tardio. Harvey (1994), como uma corrente no campo cultural, através da qual a ordem estabelecida produz a naturalização de sua arbitrariedade, e no âmbito do processo de desenvolvimento do capital, fictício e especulativo, esse capital é discriminatório, desmembrador, fragmentário e gerador de desigualdades cada vez mais profundas.

Rogério Almeida (2010) salienta entre os brasileiros um trabalho relevante e inquietante, o de Louis Kodo (2001) que vê na pós-modernidade a abertura do blefe. O controle moderno, a hierarquia, a divisão da sociedade entre os que servem e os que gozam, vê sua força se enfraquecer enquanto se abre o gozo a todos, como desejo de aprender, de se situar, de escolher os pequenos blefes cotidianos. Para Kodo o fascínio pelo blefe superou o reflexo de toda tradição (2001, p.41):

Como? Pela falência. A igreja faliu – quanto ao domínio da fé; a justiça faliu – quanto à sua aplicação da lei; a família faliu – quanto a sua representação; o valor aristocrata/burguês faliu – porque agora pertence a todos; a cidade faliu – como idéia de uma coexistência pacífica. E se tudo faliu, é porque tudo apareceu, é porque sua aura deixou-se sob o seu próprio blefe e se entregou a sua própria condição: ser pervertida.

Aos olhos dos alunos, o discurso do professor constitui-se um blefe porque fala de coisas distantes de sua vivência cotidiana, de saberes deslocados das suas referências e não representa mais os modelos com os quais se identifica. O próprio professor parece pressentir que sua voz é falsa, pois fala de conhecimentos estanques, repetidos à exaustão, jamais questionados. Quando, no mundo lá fora, tudo “toca a incerteza, cheira à inconclusão, aparece como provisório e efêmero. Como crer que alguém porte a verdade acabada das leis termodinâmicas, das regras de acentuação, dos reinos vegetais e minerais?”. (ALMEIDA, 2010, p. 51).

Descartes, na modernidade, faz nascer o sujeito pensante, sujeito que subordina a realidade aos seus sistemas lógicos, sujeito para o qual nada existe além de si. Mas, os sistemas que prendiam esse homem em um conjunto de referências organizado, bem como o próprio homem, vão se tornando obsoletos. Mais uma vez Almeida (2010, p.53) explica que “com a abertura pós-moderna, o gozo, o hedonismo, torna-se uma prática comum, nada assegurando mais que o homem se sujeite ao que não seja sua escolha de prazer”. Apanha Kodo (2001, p. 24-25), para melhor explicitar:

Em quase todas as épocas, a grande característica do gozo foi a sua obscuridade. Era bem distinto o pequeno espaço do vinho do grande espaço do pão. E a realidade se dava aí, opondo os escravos confessos aos sensualistas [...] aquele que se amarra ao pão não se satisfaz com o riso ou com as caricaturas. Ele se reconhece pelo seu vazio erótico, por sua fé às coisas estéreis e por sua seriedade. O poder é sério, o trabalho é sério, o pão é sério. O pão exige mais, exige a forja, forma-se do trigo – que é trabalho – e vai se encontrar com as grandes leis de quem se queima no forno. Dessas leis vem o seu recato e sua aversão ao gozo.

Os sólidos fundamentos, aos quais nossos pensamentos e condutas estavam presos, parecem ruir, fazer o chão tremer desmoronando estruturas. Numa sociedade aberta, plural, incapaz de apontar uma única direção, o educando recusa os velhos modelos, deixa-se levar pela experiência sensorial com a música no fone de ouvido, os *sites* de relacionamento, as festas raves, o consumo de álcool e drogas, a mobilidade dos celulares. Deixa-se levar por práticas de modificação corporal como a tatuagem, o *piercing*, o *branding* (cicatriz em relevo

desenhada na pele aplicando-se ferro quente ou laser), o *burning* (impressão sobre a pele de uma queimadura deliberada, realçada com tinta ou pigmento), o *cutting* (inscrição de figuras geométricas ou desenhos a tinta na pele, sob a forma de cicatriz, trabalhada com escalpe ou outros instrumentos cortantes) o *stretching* (alargamento do *piercing* com a intenção de introduzir uma peça mais volumosa).

Qual a figura que pode melhor representar os fenômenos sociais contemporâneos? Os estudiosos divergirão nas suas sondagens, tentando costurar algumas pistas, seja para entender o presente, seja para construí-lo ou inventá-lo, seja para escrever sobre o mundo. Para Maffesoli (2010) o prometeísmo próprio do mito progressista da modernidade marginalizou a figura do Dionísio. E, obnubilado pela ideologia produtiva, ou como dizia Marx, pelo valor trabalho, tem-se dificuldade em compreender que uma inversão de polaridade está em curso, e que os valores dionisíacos contaminaram uma boa parte da mentalidade contemporânea, ainda que sua força estruturante não atinja homogeneamente todos os segmentos da vida social. Para Maffesoli (2010, p. 28):

Os chatos têm medo de tudo isso. Mas isso não tem importância, porque, além ou aquém dos julgamentos morais, o que preocupa um espírito livre é a compreensão em profundidade dessa ética da estética que está em jogo. [...]. É preciso, então, levar a sério esse cimento da sociedade que é orgia. Por essa palavra, entendo não um trivial excesso sexual [...] mas, pelo contrário, o fato de que em certos momentos, por redes subterrâneas mas não menos rigorosas, uma energia inegável percorre o corpo social. É isso a orgia dionisíaca. E quando isso ocorre, de nada serve representar o papel do cavaleiro da triste figura ou de outros imprestáveis de plantão. [...] Ajustar-se ao espírito do tempo para fazer que ele renda o máximo possível.

Aqui, se faz necessário descrever a glória de Prometeu para acompanhamento do processo de mutação cultural proposto para o pensar neste texto. Na mitologia grega, contada nas tragédias de Ésquilo (465 a.C.), Prometeu é um deus que luta pelo bem-estar humano fornecendo-lhe a razão e a sabedoria. Detentor do poder da predição, sabia que Júpiter, ao tornar-se o deus condutor das decisões sobre o universo, desejava deixar a espécie humana na condição de animalidade. Então, Prometeu roubou uma faísca do fogo celeste e a deu a humanidade. Dessa forma, os homens

foram dotados de razão, de inteligência e passaram a conhecer as ciências e as artes sem necessitar a intervenção divina. Irritado, Júpiter ordenou, como castigo pelo crime, que Prometeu fosse acorrentado a um rochedo, na distante e isolada região de Cítia, e ali permanecesse por 30 milênios, com uma águia comendo seu fígado que se renovava constantemente. (SOTTOMAYOR, 2007)

Já em Teogonia, Hesíodo (séc.VIII a. C.) nos conta que Prometeu, ao chegar à Terra, descobriu-a abandonada pelos céus. Como consequência, apanhou um pouco de argila e a molhou com a água de um rio, fazendo dessa matéria o homem, à semelhança dos deuses, para que fosse o senhor da Terra. Apanhou as almas dos animais, dando vida a sua criatura. O Titã pediu ainda a Atena, deusa da sabedoria, o sopro divino para sua criação, dando assim, origem aos primeiros seres humanos que logo povoaram a Terra através da agricultura, da caça e da pesca. Inventou o arado para que o homem plantasse, e a cunhagem das moedas para que houvesse o comércio, a escrita e a mineração. Ensinou-lhes a arte da profecia e da astronomia, logo todo o necessário para o desenvolvimento da humanidade.

Ao recorrer à mitologia grega, os mitos que tratam de Prometeu apontam o semideus criador da humanidade como responsável pela razão e autossuficiência humana. Em outras palavras: Prometeu forneceu à humanidade a técnica e, como consequência, os homens utilizam-se dela para desenvolver experimentos, máquinas e ferramentas. Mas, estando a humanidade agora em um período de transição, que é marcado pelo avanço tecnológico e sem uma determinação certa de como e para onde esse avanço irá nos levar, é Dionísio que retorna germinando o desmoronamento das estruturas conforme explicitado anteriormente.

Na contramão da leitura dionisíaca da socialidade contemporânea, Lipovetsky (2007), buscando traçar os contornos de uma sociedade de hiperconsumo, chega ao turboconsumidor, que não consome mais por *status*, mas em busca de satisfação emocional, prazer e felicidade. Distante da felicidade, os desgreamentos dionisíacos se regulam por um cuidado médico intensivo e uma sexualidade domesticada. Nunca se buscou tanto a magreza e nunca se teve tantos obesos. Nunca houve tanta liberdade para a expressão dos desejos e nunca houve tanta depressão. Nunca se buscou o prazer e nunca se sofreu tanto por não se conseguir uma vida lúdica.

Equilibrar os opostos é a proposta de Lipovetsky (1994), ao dizer que não estamos mais na pós-modernidade, mas na hipermodernidade, termo que indica que a modernidade não acabou: chegou ao seu extremo. As

grandes estruturas socializantes perdem a autoridade, as grandes ideologias já não estão mais em expansão, os projetos históricos não mobilizam mais, o âmbito social não é mais que o prolongamento do privado – instalou-se a Era do Vazio (1990). Logo aceleração total, velocidade máxima, sociedade do excesso, a não proximidade de nossas práticas à figura dionisíaca:

Distribuidor de alegrias em abundância, Dionísio era o deus que incitava os homens a gozar à larga, a deixar-se levar, provando tanto os prazeres simples quanto os gozos de bacanal extática. E é precisamente esse ethos de alegria que nós redescobrimos, declaram seus novos apóstolos, insistindo na nova cultura cotidiana que preste um culto às sensações imediatas, aos prazeres do corpo e dos sentidos, às volúpias do presente. [...] Digamos com toda clareza: a meu ver, não se poderia estar mais enganado no diagnóstico. Pois o que é que, em nossos dias, não está cercado de ameaças, de incertezas e de riscos? O emprego, o planeta, as novas tecnologias, a globalização, a vida sexual, a escolha dos estudos, as aposentadorias, a imigração, os “subúrbios”, quase tudo é suscetível de alimentar os sentimentos de inquietação. (LIPOVETSKY, 2008, p. 327)

Almeida (2010) lembra que os discursos blefatórios do sujeito continuam presentes na sociedade contemporânea, mas reservados a certas instituições que dependem desse mesmo discurso para continuar a operar. “É o caso da política, cujo discurso soa pastiche e não é ouvido sequer pelos nobres colegas de congresso, preocupados em organizar suas farras. É o caso da educação e se sua estéril tagarelice” (p.55). Continua Almeida (p.56): “Portanto se o sujeito moderno perdeu espaço na sociedade autolimpante sem que Dionísio ganhasse cena, resta-nos, ainda, a alternativa de Gilbert Durand: o retorno de Hermes”.

Avançando em sua escrita, Durand (1997, p.227) afirma que em nossa cultura ocidental subsistem três mitos: o de Prometeu, que norteia os donos do poder com seu progressismo titânico; o de Dionísio, infiltrado no *mass-media*; e o de Hermes, presente entre os cientistas e poetas, os criadores. Hermes é o deus que prometeu a Zeus, quando flagrado em mentira, nunca mais mentir; contudo não prometeu dizer a verdade, instaurando o dúbio, o equívoco, a coincidência dos opostos; é o deus que roubou o gado de Apolo, construiu a lira, empunhou a águia e a serpente – o caduceu, e instituiu o poder do ínfimo, do perplexo, mito

da pluralização dos sentidos que caracterizam o tempo presente. Daí a intensificação dos pensamentos, a produção de diferentes mundos, as leituras desencadeadas por determinadas imagens, fissuras, palavras, numa sociedade que se abriu para o consumo desenfreado, a espetacularização da vida, a efervescência tribal.

Quando a educação procura olhar para o homem de hoje e não sabe bem dizer o que enxerga fica impossibilitada de formar o homem de amanhã. Por essa razão diz Almeida (2010, p. 57), “a educação prefere manter-se em sua estrutura conservadora, reproduzindo o discurso progressista de Prometeu e sonhando com o sujeito obsoleto que reinou de Descartes a Kant”. Feito uma estátua (ALMEIDA, 2002), a escola permanece estagnada em sua ilusão utópica de promover a autonomia por meio do pensamento. Aqui fica a reiterada exigência de qualidade e excelência, realizada pela sociedade, frente à educação contemporânea.

Considerações finais

A estabilidade sobre a qual, até agora, a legitimidade na educação e da educação vinha se amparando esfumou-se. Frente à quebra dos pressupostos racionalistas sobre os quais tradicionalmente vinha produzindo, selecionando e distribuindo um conhecimento moldado por ideias de convergência, consonância, unidade e consenso, a educação passa a dar preferência ao tempo qualitativo sobre o quantitativo, tempo flexível, relativo, cujo horizonte é a incerteza.

Em outras palavras, os ideais culturais sobre os quais a modernidade havia se fundamentado, e em especial seu ideal educativo, já não proporcionam sentido no contexto da condição cultural pós-moderna. Almeida (2010, p.40) afirma, dramaticamente, que a ideia política da educação implícita na cultura pedagógica da modernidade não parece mais que um sintoma de morbidez.

Nunca foi finalidade única da educação, nem da escola, dar conta do conjunto de saberes instituído em seu currículo, muito menos na sociedade atual. Formação para a vida, para a compreensão de si e da própria existência, num espaço e num tempo específico, são as dimensões mais profundas sempre presentes na educação. Em suma, o *amor fati* nietzscheano, o amor pelo próprio destino.

Frente ao exposto, é permitido tratar da reformulação da ética como imperativo. Tal reflexão se inscreve no seio das urgências de uma sociedade aparentemente sem referências, na “desordem” contemporânea. Nosso tempo, ávido de teorização ética, vive, contudo, sob o signo de uma ética frequentemente problemática. É preciso levar em conta muitos fatores: a falência do sentido; a reincidência das ideologias e utopias; o triunfo do individualismo e, enfim, o aparecimento de novas tecnologias, engendrando um crescimento brutal dos poderes do homem, sujeito e objeto de suas próprias técnicas.

É, evidentemente, da falência do sentido e de um vazio absoluto que a ética contemporânea se cria. No momento em que as ações do homem se revelam grávidas de perigos e riscos diversos, é no topo do vazio que nasce a ética contemporânea, a do nosso tempo, aquela que nos ensina que devemos responder pela humanidade futura (JONAS, 1990). Com Deleuze (1982) o caminho que se esboça para a ética vem com o desejo, potência criadora de valores, de viver a vida, de experimentar o máximo de alegria.

A ética, ou a vida em perpétuo crescimento, eis o que Deleuze nos faz ver em seu diálogo com Claire Parnet (1982, p.76): “não é fácil ser homem livre: fugir da peste, organizar encontros, aumentar a potência de agir, ser tocado pela alegria, multiplicar os afetos que exprimem ou envolvem um máximo de afirmação”.

A reiterada exigência de qualidade e excelência realizada pela sociedade frente à educação contemporânea reside numa cisão que pulsa no cerne do mundo adulto, que, se de um lado adere cada vez mais à cultura jovem, de outro exige uma formação mais intensa para o competitivo mundo do trabalho. Dionísio *versus* Prometeu. Escola analógica *versus* cabeças digitais. (PERTANELLA, 2008). Escola moderna *versus* alunos pós-modernos (FINKIELKRAUT, 1989). Saber de aula *versus* vida real (SOARES, 2001).

Não há esperança quando não há opção. Diante dos embates da existência individual com o mundo dado, cabe ao homem e à sociedade fazerem suas escolhas. Argumenta Soares (2001, p.24) que é preciso, em última instância, suturar os opostos:

Mastigando-os, engolindo-os, fagocitando-os; deglutindo o imprevisível (inquilino do cerne da humanização); decretando a falência da lógica cartesiana binária; transitando nas nuances, nas dobras, no vazio mesmo – expostos à fecundação para estilhaçar os coágulos de simetria; provocar a incapacidade de enfrentar o presente contraditório que fez a gente chocha e o mundo linear, plano, chato.

As pessoas que ficam em práticas e planos restritos perdem o vocabulário, cabeças veladas em procição. Com Fernando Pessoa: cadáveres adiados que prociam, ou, de modo mais preciso: aqueles que pretendem representar a época estão anos atrasados. Ser contemporâneo não é aderir completamente ao seu tempo, mas manter com ele uma relação dissociada, anacrônica, que permita ver, sem manter os olhos fixos, a época em que se vive (AGAMBEN, 2009). Frente à exigência de qualidade e excelência realizada pela sociedade em relação à educação contemporânea, Soares (2001, p. 25) propõe de maneira inconformista, outra exigência, a das práticas de rupturas, que buscam superar a crise da educação, dizendo:

Há necessidade de avesso, de virar o avesso, do avesso. Viver em estado de bumerangue. Caminhar com marinheiros na Revolução 1917, investindo contra o Palácio de Inverno escolar. Minar o território com faixa-poema como Maiakovski: Come ananás, mastiga perdiz. Teu dia está prestes, burguês.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

ALMEIDA, Rogério de. Educação contemporânea: a sociedade autolimpante, o sujeito obsoleto e a aposta na escolha. *Educação: Teoria e Prática*, Rio Claro, v. 20, n. 34, p. 47-64, jan.-jun. 2010.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1991.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Dialogues*. Paris: Flamirion, 1982.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: M. Fontes, 1997.

- ECO, Umberto. *Pós-escrito ao Nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FINKIELKRAUT, Alain. *A derrota do pensamento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1993.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1994.
- JAMENSON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.
- JONAS, Hans. *Le príncipe responsabilité*. Paris: Cesf, 1990.
- KODO, Louis L. *Blefe: o gozo pós-moderno*. São Paulo: Zouk, 2001.
- LYOTARD, Jean Francois. *O pós-modernismo explicado às crianças*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.
- _____. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olimpio, 1989.
- LYPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. *A sociedade da decepção*. Barueri: Manole, 2007.
- _____. *O crepúsculo do dever: a ética indolor dos nossos tempos democráticos*. Lisboa: Dom Quixote, 1994.
- _____. *A era do vazio*. Lisboa: Relógio d'água, 1990.
- LYPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. *Saturação*. São Paulo: Iluminaras; Observatório Itaú Cultural, 2010.
- PETARNELLA, Leandro. *Escola analógica versus cabeças digitais*. Campinas: Átomo; Alínea, 2008.
- SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira; ESTRAMINA, José Luis Alvaro. *Consumo, narcisismo e identidades contemporâneas: uma análise psicossocial*. Rio de Janeiro: EduERJ, 2006.
- SOARES, Maria Lúcia de Amorim. *Girassóis ou Heliantos: maneiras criadoras para o conhecer geográfico*. Sorocaba: Prefeitura Municipal, Prêmio LINC, 2001.

No cenário de pós-modernidade: a reiterada exigência de qualidade e excelência na educação contemporânea

SOTTOMAYOR, Ana Paula Quintela. Os dilemas da condição humana. In: ÉSQUILO. *Prometeu Acorrentado*. Trad. de J. B. Mello e Souza. São Paulo: Martin Claret, 2007.

TURNER, Bryan S.. *Theories of modernity and postmodernity*. Londres: Sage, 1990.

VATTIMO, Gianni; ROVATTI, Pier Aldo (Eds.). *El Pensamiento débil*. 5. ed. Madri: Catedrás, 2006.

Recebido em 28 de setembro de 2012.

Aprovado em 28 de novembro de 2012.